

# “Quando a Onda Vermelha Inundou o Estado”: a Imagem da Revolução em *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos

*“When the Red Wave Flooded the State”: The Image of the Revolution in S. Bernardo, by Graciliano Ramos*

Marcos Vinícius Teixeira<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil  
marcosteixeira@uems.br

## Resumo

Em 1924, Graciliano Ramos iniciou a criação de seu personagem Paulo Honório, redigindo uma narrativa que não foi publicada. Posteriormente retomou o universo desse personagem e compôs *S. Bernardo* que foi publicado somente em 1934. Durante o ano de 1932 trabalhou no romance e hoje, por meio das cartas do autor, sabemos que parte do livro foi escrita após a revolta paulista contra o governo provisório de Getúlio Vargas. Em sua obra, temos a ocorrência da “revolução de outubro” que possui importância para a compreensão do enredo e se encontra integrada à história dos personagens. O objetivo deste trabalho é estudar o referido romance de Graciliano Ramos, observando a representação da Revolução de 1930 como um acontecimento ligado à organização interna da obra. Para isso, o universo dos personagens Paulo Honório, Luís Padilha e Madalena é investigado. O primeiro pode ser associado ao coronelismo e os demais apresentam ideias socialistas e/ou dimensão humana. Ao contrapor os dois universos, o escritor constrói, na ficção, uma revolução que, embora represente o movimento histórico de 1930, é algo diferente, pois, como se pretende mostrar, é edificada com uma dimensão socialista e popular.

## Editora-chefe

Marcia dos Santos  
Machado Vieira

Recebido: 04/10/2023

Aceito: 30/12/2024

## Como citar:

TEIXEIRA, Marcos Vinícius. “Quando a Onda Vermelha Inundou o Estado”: a Imagem da Revolução em *S. Bernardo*, de Graciliano Ramos. *Revista Diadorim*, v.25, n.1, e61306, 2023. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2023.v25n1a61306>

A fazenda S. Bernardo também funciona, nesse sentido, como um microcosmo que se assemelha e se diferencia de seu contexto histórico. Para o presente estudo, recorreremos aos trabalhos de Candido (1969; 2000; 2011), Lafetá (2000; 2004), Bueno (2006), Fausto (1997; 2004), Camargo (1983), dentre outros.

### Palavras-chave

Romance; primeira república; revolução de 1930.

### Abstract

In 1924, Graciliano Ramos began the creation of his character, Paulo Honório, in a writing narrative that was never published. Later, he resumed the universe of this character and wrote *S. Bernardo*, which was only published in 1934. He worked on the novel during 1932 and today, through letters from the author, we know that part of the book was written after the revolt in São Paulo against Getúlio Vargas provisional government. The presence of the Brazilian Revolution in his work is important to understand the plot and merge the characters' story. This paper aims to study the *S. Bernardo*, by Graciliano Ramos, observing the depiction of the 1930's Revolution as an event linked to the internal organization of the book. To this end, we investigated the universe of the characters Paulo Honório, Luís Padilha and Madalena, the first which can be associated to the coronelism and the others standing for socialist ideas and/or the human dimension. When presenting those two universes, the writer builds a revolution that, although representing the 1930's historic movement, is different from it since, as will be demonstrated, it is built as a socialist and popular dimension. In that regard, S. Bernardo farm also works as a microcosmos both similar and different from its historical context. In this paper, the works of Candido (1969; 2000; 2011), Lafetá (2000; 2004), Bueno (2006), Fausto (1997; 2004), Camargo (1983), among others, were used.

### Keywords

Novel; first republic; 1930's revolution.

O crítico Otto Maria Carpeaux, em 1952, já declarava que a obra de Graciliano tinha garantida a sua “posição permanente na história da literatura brasileira” (Carpeaux, 1952 *apud* Lebensztayn, 2012, p. 239). A afirmação, hoje, não produz novidade e a importância de Graciliano Ramos é consensual. Mesmo com uma vida marcada por dificuldades de variada ordem, dentre as quais estão a financeira e a injusta prisão a que foi submetido durante o governo de Getúlio Vargas, o escritor foi capaz de reunir um conjunto de obras de elevada importância na Literatura Brasileira, dentre

as quais pode-se citar, por exemplo, *S. Bernardo* (2006), *Vidas Secas* (2013), *Angústia* (2019) e *Infância* (1995). *S. Bernardo*, objeto de nosso estudo, foi reconhecido pela crítica como o primeiro grande romance de Graciliano Ramos. Antonio Candido, ao refletir sobre as obras importantes do período, afirma que o livro de Graciliano “permanece isolado, com uma originalidade que, se não o faz maior que os demais, torna-o, sem dúvida, mais estranho; quase ímpar” (Candido, 1969, p. 18).

*S. Bernardo* (2006) se situa no período do Romance de 1930 na história da literatura brasileira. No texto “Os pressupostos básicos”, João Luiz Lafetá afirma que “a ideologia de esquerda não encontra eco nas obras da fase heróica” (Lafetá, 2000, p. 27) e que o universo social do decênio de 1920, nas obras literárias, não alcança uma consciência voltada para a ideia de uma revolução proletária. É esta consciência de luta social que marca, na visão do crítico, a época considerada por ele como segunda geração modernista:

Essa é a grande diferença com relação à segunda fase do Modernismo. O decênio de 30 é marcado, no mundo inteiro, por um recrudescimento da luta ideológica: fascismo, nazismo, comunismo, socialismo e liberalismo medem suas forças em disputa ativa; os imperialismos se expandem, o capitalismo monopolista se consolida e, em contraparte, as Frentes Populares se organizam para enfrentá-lo. No Brasil é a fase de crescimento do Partido Comunista, de organização da Aliança Nacional Libertadora, da Ação Integralista, de Getúlio e seu populismo trabalhista. A consciência da luta de classes, embora de forma confusa, penetra em todos os lugares — na literatura inclusive, e com uma profundidade que vai causar transformações importantes (Lafetá, 2000, p. 28).

No romance de Graciliano Ramos encontramos, de fato, um forte diálogo com o Brasil da Primeira República. A Revolução de 1930 e os primeiros anos desse decênio estão presentes. Em sintonia com a história do país, temos a vida de Paulo Honório que se torna proprietário de uma fazenda, *S. Bernardo*, e vive um casamento conturbado com Madalena. Na obra, o movimento histórico é chamado apenas de revolução ou “revolução de outubro” e encontramos uma dimensão social e humana em determinados personagens que se contrapõem ao universo do protagonista. Neste estudo sobre *S. Bernardo* (2006), investigamos a representação da revolução e, para isso, consideramos a presença de uma dimensão social e histórica na narrativa que é encontrada tanto no personagem Paulo Honório, que se associa ao universo do coronelismo, quanto de Luís Padilha e Madalena, que se associam às ideias socialistas e a um valor humano. Ao estudarmos a imagem da revolução, buscamos observar a edificação de um acontecimento que, embora semelhante ao evento histórico, ultrapassa a mera representação e se revela como uma construção utópica, pois fomenta um viés socialista e popular que não tivemos na história do Brasil.

No texto “Paulo Honório”, escrito a pedido de João Condé, Graciliano Ramos admite a existência de uma novela, datada de 1924, que pode ser considerada como uma primeira versão de *S. Bernardo* (2006). A informação é interessante pois situa a gênese da obra em plena Primeira República.

Naquele inverno de 1924, numa casa triste do Pinga-Fogo, sentado à mesa da sala de jantar, fumando, bebendo café, ouvindo a arenga dos sapos, o mugido dos bois nos currais próximos e os pingos das goteiras, enchi noites de insônia e isolamento a compor uma narrativa. Surgiu um criminoso, resumo de certos proprietários rijos existentes no Nordeste. Diálogo chinfrim, sintaxe disciplinada, arrumação lastimosa. Felizmente essas folhas desapareceram (Ramos, 2012, p. 272).

Na imagem que Graciliano nos revela acerca de seu personagem, na primeira narrativa, temos Paulo Honório como um fazendeiro consolidado. Com o relato, é possível perceber que o autor trabalhou posteriormente observando-se a vida do protagonista antes e após a aquisição de *S. Bernardo*. Observa-se assim um trabalhador braçal que conquista a terra cobiçada e, posteriormente, o período em que, como fazendeiro, vê o país passar pela Revolução de 1930. É muito significativa também a presença, no fragmento, dos sons dos sapos, dos bois e das goteiras que fazem parte do ato de criação da primeira versão. Na versão final do romance, os sons da natureza são de grande importância para o protagonista. Alguns ganham significação de ordem pessoal e afetiva como o piado das corujas e o vento que sopra no Nordeste. Ainda sobre a novela, Graciliano nos revela uma imagem do personagem que já parece conter aquele “sentimento de propriedade” que Antonio Candido observaria depois.

As outras figuras da novela não tinham relevo, perdiam-se a distância, vagas e inconsistentes, mas o sujeito cascudo e grosseiro avultava, no alpendre da casa-grande de *S. Bernardo*, metido numa cadeira de vime, cachimbo na boca, olhando o prado, novilhas caracus, habitações de moradores, capulhos embranquecendo o algodão, paus-d’arco floridos a enfeitar a mata (Ramos, 2012, p. 272).

Curiosamente, é vivendo um dos vários momentos de grande dificuldade financeira que o autor cria um personagem que se tornará abastado no romance definitivo. A retomada do livro só ocorrerá quando vive em situação semelhante, após ter sido prefeito em Palmeira dos Índios e depois de residir em Maceió. Graciliano atribui

à Revolução de 1930 a mudança que ocorre em sua vida<sup>1</sup>: “Em consequência da bagunça revolucionária de 30, demiti-me [da Imprensa Oficial] — e no começo de 1932 arrastava-me de novo em Palmeira dos Índios, com vários filhos pequenos, sem ofício nem esperanças [...]” (Ramos, 2012, p. 272).

Segundo o biógrafo Dênis de Moraes (2012), em março de 1930, Graciliano é convidado para o cargo de diretor da Imprensa Oficial. Muda-se, então, para capital e, durante esse ano, escreve cartas para a esposa Heloísa que passava uma temporada em Pilar, Alagoas. Pelas cartas, o romancista registrava suas impressões sobre os acontecimentos relacionados à Revolução de 1930 em Alagoas. Inicialmente, considera que os revolucionários não representavam uma ameaça ao governo de seu estado. No dia 11 de outubro, no entanto, registra em carta que esteve por volta de meia noite no palácio do governo e constatou que a guarda havia desaparecido. “Sem luta, sem um tiro” (Ramos, 2022, p. 172), registra nessa missiva. Maceió havia sido vencida sem que houvesse um combate. Nessas cartas, atualmente disponibilizadas em livro, encontramos um escritor reflexivo que considera a possibilidade de recomeçar a vida de outra forma. Graciliano chega a ser detido nessa ocasião, mas é liberado pouco depois. Com o governo provisório de Getúlio Vargas, interventores são nomeados nas diversas regiões do país. Em Alagoas, Tasso Tinoco se torna o interventor e, segundo Moraes (2012), resolve conservar Graciliano Ramos na Imprensa Oficial. O autor, no entanto, em dezembro de 1931, pediu demissão, pois “não tolerava mais o autoritarismo dos interventores” (Moraes, 2012, p. 83).

Graciliano retorna a Palmeira dos Índios no início de 1932, como nos relata no texto “Paulo Honório”. Nesse período de dificuldades é que recupera a história de seu personagem e, sem recorrer à novela escrita, como nos informa, reinicia o trabalho e escreve o romance *S. Bernardo* (2006). Segundo Dênis de Moraes (2012), o romancista acompanhou a revolta de 1932 pelo rádio. Em uma de suas cartas, lemos que a redação de *S. Bernardo* ocorria paralelamente aos acontecimentos históricos daquele ano:

Depois que cheguei, a minha ocupação é fumar. Fumar e ouvir, à noite, as potocas que nos mandam do Rio e de S. Paulo. Fora disso, parece que não há mais nada interessante no mundo. Durante o dia converso com seu Ribeiro, com Azevedo Gondim, com o Padilha e com a Madalena. São os companheiros que aqui estão sempre, mas as conversas deles estão-se tornando muito cacetes (Ramos, 2022, p. 177).

---

<sup>1</sup> Outra opinião de Graciliano Ramos acerca da Revolução de 1930 aparece no livro *Pequena história da república* (2020), de sua autoria, quando registra: “Realmente faltava um programa. Como seria possível fazer uma revolução sem programa? Derrubar para quê?” (Ramos, 2020, p. 218).

Em novembro de 1932, Graciliano escreve novamente para a sua esposa Heloísa, afirmando que o romance estava “muito transformado” (Ramos, 2022, p. 206) e registra que estava trabalhando na obra. No texto a João Condé, afirma que nesse mesmo mês Paulo Honório lhe “parecia mais ou menos apresentável” (Ramos, 2012, p. 273). Ao final de 1934, *S. Bernardo* é publicado com tiragem de mil exemplares. Diferentemente de Jorge Amado, que escreve *O país do carnaval* (2011) no ano de 1930 e, ainda muito próximo dos acontecimentos, nos apresenta uma imagem da revolução, Graciliano Ramos, trabalhando substancialmente em seu romance até o final de 1932, pôde compreender um pouco melhor o acontecimento histórico e os seus desdobramentos. Em *S. Bernardo* (2006), a política é sempre assunto das conversas e a revolução está presente na parte final do romance de forma bastante integrada à sua estrutura<sup>2</sup>.

Antonio Candido, em “Ficção e confissão” (1969), reconhece a grandeza e a originalidade de *S. Bernardo*. E, de forma breve, resume: “Este grande livro é curto, direto e bruto” (Candido, 1969, p. 18). O crítico soube compreender que o personagem Paulo Honório age movido por um “sentimento de propriedade”, tanto da fase da aquisição da fazenda quanto do período em que o ciúme o leva a perder Madalena. Sobre o protagonista, Candido afirma que “os personagens e as coisas surgem nele como meras modalidades do narrador, Paulo Honório, ante cuja personalidade dominadora se amesquinham, frágeis e distantes.” (Candido, 1969, p. 18). Afirma ainda que o sentimento de propriedade ultrapassa um “simples instinto de posse”, tornando-se uma “disposição total de espírito” (Candido, 1969, p. 22).

Em sintonia com a ideia de “sentimento de propriedade”, o crítico João Luiz Lafeté estudou o romance de Graciliano Ramos observando, dentre diversos aspectos, a presença de uma reificação no universo de Paulo Honório. Ao observar uma marcação temporal na narrativa, o crítico observa, acertadamente, que o protagonista se transforma num rolo compressor, “cujo impulso arrasta o mundo atrás de si” (Lafeté, 2004, p. 79).

Paulo Honório traz a força de tempos novos que surgem, vencendo a inércia e quebrando os obstáculos. [...] Pois Paulo Honório, representante da modernidade que entra no sertão brasileiro, é o emblema complexo e contraditório do capitalismo nascente, empreendedor, cruel, que não vacila diante dos meios e se apossa do que tem pela frente, dinâmico, transformador. [...]

---

<sup>2</sup> Além de Graciliano Ramos e Jorge Amado, também encontramos a representação da Revolução de 1930 nas obras *Olhai os lírios do campo* (2005), de Erico Verissimo, e *João Ternura* (1965), de Aníbal Machado. O primeiro romance foi publicado em 1938. Já *João Ternura* apareceu somente em 1965 como obra póstuma, mas sua redação teve início ainda nos anos 1920.

Ação transformadora, velocidade energética, posse total: aí estão três características e três ideais da burguesia. O herói de *S. Bernardo* os possui em alto grau e os imprime a fundo na tessitura da narrativa (Lafetá, 2004, p. 81).

Esse universo reificado, no entanto, como afirma Lafetá, não corresponde à dimensão humana de Madalena, por quem Paulo Honório se casa e passa a ter ciúmes. O crítico utiliza a interessante metáfora do dínamo emperrado para situar um protagonista em nova fase.

Luís Bueno (2006) estuda o romance de Graciliano Ramos observando a relação do protagonista com o outro. Estuda, nesse sentido, o universo de um homem de personalidade forte, como apontara Lafetá, que vê os demais personagens em função dele próprio, anulando-os ou eliminando-os. Ao escrever um livro de memórias, Paulo Honório estabelece, assim, dois momentos distintos: uma parte em que tudo está voltado para sua própria figura e outra em que tenta recuperar o retrato moral de sua esposa. Essa mudança operada no trabalho de construção do livro revela tanto a percepção de um sentido para a sua atividade de escrita quanto o reconhecimento do outro, no caso de Madalena. Ao escrever um livro de memórias, Paulo Honório reconhece a dificuldade de reconstituir a personalidade de Madalena. Bueno, em seu estudo, ainda afirma que “o outro, que não existia para ele [Paulo Honório], passou a existir” (Bueno, 2006, p. 619). No entanto, a preocupação com outro estará sempre em segundo lugar em relação a si. Nesse sentido, Bueno conclui: “Desistir, embora seja horrível, é ainda melhor do que viver com o outro nessa nova perspectiva que se entreabre para ele. Em nenhum momento passa por suas cogitações qualquer tentativa de inverter o ponto de vista e imaginar como o outro o vê” (Bueno, 2006, p. 619). A percepção do outro altera, como bem afirma o crítico, a decisão de assinar a capa do livro. A utilização de pseudônimo, ao mesmo tempo, se associa a esse processo de anulação, no caso de um eu, “como se fosse outro que realizasse o trabalho” (Bueno, 2006, p. 617).

Edmundo Juarez Filho estudou *S. Bernardo* buscando compreender o romance como uma alegoria histórica. Dentre as diversas considerações que faz, afirma que *S. Bernardo* é “um livro contra Vargas” (Juarez Filho, 2006, p. 103). Propõe que os personagens representem fatos históricos. Assim, Paulo Honório representa o coronelismo e Madalena é abordada como “uma representante do ‘discurso pré-trabalhista’” (Juarez Filho, 2006, p. 102). O casamento entre ambos é visto como um “acordo entre Washington Luís e Vargas” (Juarez Filho, 2006, p. 115). O pesquisador estabelece uma cronologia do enredo e busca equipará-la aos acontecimentos históricos do período que engloba a Primeira República e o início do governo provisório após a Revolução de 1930. Ele identifica a personagem Madalena a Getúlio Vargas e, dentre outras coisas, interpreta a sua candidatura à presidência do país ao ciúme sentido por Paulo Honório durante seu casamento.

Em relação ao estudo de Edmundo Juarez Filho (2006), consideramos passível de questionamento a datação realizada dos episódios do romance. Há uma questão de gênero que se sobrepõe à abordagem realizada, pois se trata de um livro de memórias ficcionais. Por um lado, muitas informações fornecem elementos para se pensar numa marcação temporal, como bem observa Lafetá em “O mundo à revelia”. Por outro, inúmeras expressões impedem o estabelecimento de uma dêixis temporal da narrativa. A identificação proposta de Madalena com Getúlio Vargas, no estudo de Juarez Filho (2006), pareceu-nos partir da História e não do universo literário. A Madalena que encontramos em *S. Bernardo* não permite essa associação e está fortemente ligada às ideias socialistas e humanas, como observa Antonio Candido em “Ficção e confissão” (1969). Relações com a política e a época, no entanto, são possíveis. No caso de Paulo Honório, não temos alegoria, pois ele é caracterizada-mente um coronel. Não há disfarce.

Nossa abordagem se orienta de forma completamente oposta ao trabalho de Juarez Filho (2006), embora nos debruçemos sobre a mesma questão. Em nosso estudo, temos o mesmo posicionamento de Antonio Candido que, em *Literatura e sociedade* (2000), afirma que o elemento externo pode desempenhar um papel importante na constituição ficcional da obra, tornando-se interno. Por isso, segundo ele, é preciso se voltar para a construção literária da obra, que pode revelar tanto a sua dimensão social, quanto o universo de uma época com a qual se relaciona. Para Candido, “a análise estética precede considerações de outra ordem” (Candido, 2000, p. 5). Em outro ensaio, “A personagem do romance”, Candido compreende que a verossimilhança de uma obra está relacionada à sua construção literária, aos elementos que se integram e compõem a narrativa, sendo dependente “da organização estética do material” (Candido, 2011, p. 75). Candido ainda afirma:

Poderíamos, então, dizer que a verdade da personagem não depende apenas, nem sobretudo, da relação de origem com a vida, com modelos propostos pela observação, interior ou exterior, direta ou indireta, presente ou passada. Depende, antes do mais, da função que exerce na estrutura do romance, de modo a concluirmos que é mais um problema de organização interna que de equivalência à realidade exterior (Candido, 2011, p. 75).

Assim, ao abordarmos a representação da Revolução de 1930 no romance *S. Bernardo* (2006), de Graciliano Ramos, buscamos compreender, antes de qualquer elemento externo, a construção literária que é realizada do episódio histórico. Compreendemos que o acontecimento histórico, que é inicialmente exterior à obra, foi transformado e se tornou interno, compondo uma “estrutura coerente” para usar a expressão de Candido. Por isso, embora o conhecimento sobre o fato seja importante para a análise, a revolução que encontramos na narrativa, sendo o episódio

histórico é também outra coisa. É uma revolução construída ficcionalmente e existe por si só e em diálogo com os acontecimentos que existiram ou que foram edificados pelos historiadores. Interessa-nos, nesse sentido, compreendermos também, em certa medida, as diferenças entre ambos. A revolução em *S. Bernardo* (2006), como esperamos mostrar, é pintada com uma dimensão social possuindo características que o fato histórico não apresenta. Para investigarmos essa questão, torna-se necessário também compreendermos a construção do personagem Paulo Honório como alguém ligado à política do coronelismo da Primeira República.

Em *S. Bernardo* (2006), temos o relato autobiográfico de Paulo Honório, que, após recusar a forma literária de Azevedo Gondim e optar por uma linguagem bastante objetiva, simples e direta, nos conta desde a sua origem, quando foi criado pela velha Margarida, relata-nos a sua experiência formativa como homem do sertão, a forma como se tornou proprietário da fazenda S. Bernardo, que pertenceu a Salustiano Padilha, a sua vida de casado e o período em que, tendo perdido a esposa Madalena, resolveu escrever um livro no qual repensa a própria vida. Dizendo de outro modo, *S. Bernardo* (2006) possui a visão de um homem maduro, que passou por diversas situações, dentre as quais, o suicídio da mulher, sobre um passado que normalmente é dividido em duas partes pela crítica: a aquisição da fazenda e o período de seu casamento com Madalena. A fase de declínio do personagem, tanto econômico quanto psíquico, pode ainda ser compreendida como um terceiro momento da narrativa. Dois eventos temporalmente próximos na narrativa, a morte de sua esposa e a Revolução de 1930, marcam o início do período de disforia.

Graciliano Ramos ao criar Paulo Honório realizou a construção de um coronel que, por um lado, representa o poder político típico da Primeira República e, por outro, é uma representação atípica, posto que se trata de um personagem pobre que enriquece. Boris Fausto nos explica que a denominação de “coronéis” tem sua origem nos “coronéis da antiga Guarda Nacional, que eram em sua maioria proprietários rurais com base local de poder” (Fausto, 2004, p, 263). O termo, assim, designa pessoas com um poder local, normalmente fazendeiros que detinham homens para a segurança de suas posses e controlavam os votos de seus funcionários e agregados, o chamado “voto de cabresto”. Segundo Boris Fausto,

Do ponto de vista eleitoral, o “coronel” controlava os votantes em sua área de influência. [...] ...apesar de serem importantes para a sustentação da base do sistema oligárquico, os “coronéis” dependiam de outras instâncias para manter seu poder. [...] Os “coronéis” forneciam votos aos chefes políticos do respectivo Estado, mas dependiam deles para proporcionar muitos dos benefícios esperados pelos eleitores. Isso ocorria sobretudo quando os benefícios eram coletivos, quando se tratava, por exemplo, de consertar estradas ou instalar escolas (Fausto, 2004, p, 263-264).

Em *S. Bernardo* (2006), temos episódios que exemplificam essa correlação entre fazendeiro e poder político. Paulo Honório age considerando as relações de poder na região do município de Viçosa, no estado de Alagoas. Antes de emprestar dinheiro para Padilha, o que provoca a hipoteca da fazenda, ele se informa sobre “a idade, a saúde e a fortuna do velho Mendonça” (Ramos, 2006, p. 25). Na disputa envolvendo a cerca com esse, impõe-se pela demonstração de que possui capangas. Abre uma estrada de rodagem para levar os produtos até o comércio. Após receber a visita do governador, constrói uma escola na fazenda. Quando ocorre a revolução, envia, a pedido do chefe político, “um caminhão com rifles e homens” (Ramos, 2006, p. 204).

Depois que se torna proprietário de *S. Bernardo*, a primeira situação de conflito que ocorre é com o vizinho Mendonça.

Ponderei ao velho Mendonça que ele já tinha encolhido muito as terras de *S. Bernardo*. Pedi-lhe que mostrasse seus papéis. Não sendo possível acordo, era melhor vir o advogado e vir o agrimensor.

— Ótimo! Arranjava-se com os tabeliães e metia-me no bolso. Mas eu não vou nisso. Derruba-se a cerca.

Contei rapidamente os caboclos que iam com ele, contei os meus e asseverei que a cerca não se derrubava. Explicações, com bons modos, sim; gritos não. [...]

Casimiro Lopes deu um passo; toquei-lhe no ombro e ele recuou. Mendonça compreendeu a situação, passou a tratar-me com amabilidade excessiva (Ramos, 2006, p. 31-32).

Tanto o velho Mendonça quanto Paulo Honório se ligam a microcosmos representativos do coronelismo. As disputas pelos limites das terras não se resolvem pelos meios jurídicos, salvo se os procedimentos forem obscuros e oportunos. Tanto Mendonça quanto Paulo Honório estão acompanhados de homens que, além do trabalho nas propriedades, atuam como capangas. A vantagem na negociação sobre a cerca pertence a quem tiver maior número de homens e armas. O gesto fala mais do que a palavra. Ao tocar Casimiro Lopes, Paulo Honório o impede de agir segundo a lógica que difere do meio jurídico, mas é comum nas fazendas onde as estradas ainda não chegaram. É interessante observar que apenas um homem, Casimiro Lopes, é nomeado. Graciliano Ramos trabalha sempre eliminando os excessos. Não é preciso nomear todos nem informar quantos são. Esse processo estilístico se encontra em todo o livro e, por meio desse procedimento, aproximamos Paulo Honório do coronelismo. Não é preciso, nesse sentido, apresentar documentalmente um homem que vai se tornando poderoso. Algumas cenas como a da cerca e a da abertura da estrada de rodagem são suficientes para demonstrar a atuação do protagonista como um personagem atuante e temido.

Se a cena na cerca sugere a presença de vários homens, no capítulo seis, quando visita o vizinho para tratar das eleições, Paulo Honório confessa que possui poucos eleitores, utilizando uma expressão popular: “Mato um... (Ia dizer um boi. Moderei-me: todo o mundo sabia que eu tinha meia dúzia de eleitores) um carneiro” (Ramos, 2006, p. 38). Nesse capítulo, trabalha-se com quantidades reduzidas: um pedreiro, “poucos trabalhadores” etc. A insuficiência parece justificar, para o personagem, que é preciso agir de outro modo e um plano com Casimiro Lopes é acordado. Ao final dessa parte, Mendonça, após ter votado, é assassinado por Casimiro enquanto Paulo Honório está em companhia do padre conversando sobre a igreja que desejava construir em sua fazenda.

Em poucas falas sobre o assunto, ao longo do romance, Paulo Honório, que votava com o partido dominante, nos explica sobre as eleições na Primeira República. Numa passagem, fica claro o procedimento do voto de cabresto: “...as minhas relações com o partido limitavam-se a aliciar eleitores, entregar-lhes a chapa oficial e contribuir para a música e foguetes nas recepções do governador” (Ramos, 2006, p. 71). Em outra passagem, vemos a presença de fraudes que faziam parte do jogo político: “E eu, desde que me entendo, vejo eleitores e urnas. Às vezes suprimem os eleitores e as urnas: bastam livros. Mas é bom um cidadão pensar que tem influência no governo, embora não tenha nenhuma” (Ramos, 2006, p. 77). A manipulação das eleições também aparece em momento anterior, quando os personagens conversam sobre a derrota do padre Silvestre nas eleições municipais. Nesse caso, o candidato, já empossado, possivelmente não teve o seu nome aprovado pela Comissão de Verificação de Poderes que durante a Primeira República, conforme Boris Fausto, excluía ou “degolava” os candidatos que julgavam em desacordo com o grupo dominante.

Para facilitar a comercialização dos produtos de S. Bernardo, Paulo Honório decide abrir uma estrada. O episódio exemplifica bem a importância do “coronel” no sistema político vigente. Para abri-la, o protagonista recorre aos jornais para facilitar-lhe o trabalho. A *Gazeta*, jornal de Maceió dirigido por Costa Brito, publica uma nota elogiando o fazendeiro e o chefe político de Viçosa ao preço de cem mil-réis e Gondim escreve dois artigos. Na empreitada, Paulo Honório perde dois trabalhadores e chega a levar um tiro quando a estrada atravessa propriedades vizinhas. Ele, então, destina mais dinheiro para a *Gazeta* e tenta, por meio de Gondim e João Nogueira, um apoio do chefe local: “Desorientem essas cavalgadas. Olhem que estou fazendo obra pública e não cobro imposto. É uma vergonha. O município devia auxiliar-me. Fale com o prefeito, dr. Nogueira. Veja se ele me arranja umas barricas de cimento para os mata-burros” (Ramos, 2006, p. 50). É possível presumir que as dificuldades enfrentadas pelo protagonista em relação ao chefe político estão relacionadas ao número pequeno de votos que possui no processo eleitoral.

A abertura da estrada revela, por outro lado, a importância de Paulo Honório na região. Por meio dela, o governador lhe faz uma visita e lhe pergunta se não há escola em S. Bernardo. O protagonista demonstra resistência à ideia, mas depois promete construí-la: “De repente supus que a escola poderia trazer a benevolência do governador para certos favores que eu tencionava solicitar” (Ramos, 2006, p. 51). Graciliano Ramos parece desnudar, com o episódio, uma inversão de obrigações. Talvez fosse razoável que o fazendeiro pedisse uma benfeitoria em troca dos votos que garante durante as eleições. No entanto, sabemos que esse possui poucos votos. É, então, o governador quem lhe pede algo que, por sua vez, poderá lhe trazer benefícios posteriores com o poder público. Em momento posterior, quando, por um descuido, autoriza um gasto com material escolar que lhe fizera Madalena, Paulo Honório revela o verdadeiro sentido da escola: produzir “indivíduos capazes de tirar o título de eleitor” (Ramos, 2006, p. 127). A escola funciona, nesse sentido, como um investimento, com o qual não se deve gastar demais, para a obtenção de vantagens com os poderes políticos relacionados à garantia de um número maior de votos nas eleições.

O jogo político e a crescente importância de Paulo Honório se revelam também no episódio envolvendo o Costa Brito e a *Gazeta*. O jornal de Maceió, que antes apoiava o poder dominante, virou oposição e passou a atacar o governo vigente. Após Paulo Honório recusar o envio de dinheiro, Costa Brito o difama e o chama de assassino na folha. O protagonista decide ir pessoalmente a Maceió e, munido de um rebenque, agride o diretor em praça pública. Silencia, assim, a *Gazeta*. O episódio demonstra a importância do fazendeiro no jogo político e a mudança ideológica do jornal passa a funcionar como contraponto ao jornal *Cruzeiro*, dirigido por Gondim em Viçosa, que apoiava a situação, mas tinha circulação mais restrita.

Nessa busca pelo poder, até a igreja é um investimento: “os alicerces da igreja eram também capital” (Ramos, 2006, p. 51). No capítulo dezessete, Paulo Honório e Madalena se casam na capela construída em S. Bernardo. A boa impressão que a fazenda provoca em dona Glória pode ser lida como a definitiva elevação de Paulo Honório em sua relação com o coronelismo: “Quando viu os arames de iluminação, o telefone, os móveis, vários trastes de metal, que Maria das Dores conservava areados, brilhando, d. Glória confessou que a vida ali era suportável” (Ramos, 2006, p. 9). O microcosmo está consolidado com estrada, escola, igreja, energia elétrica e telefone. A ele se juntam, dentre outros personagens, a velha Margarida, a esposa Madalena e, em seguida, o nascimento do herdeiro. Nesta nova etapa, no entanto, Paulo Honório sente que não consegue dominar Madalena e, acometido de ciúmes, torna-lhe muito difícil a vida e a convivência, levando-a ao suicídio. Após a sua morte, ocorre a revolução e a atmosfera de perda se soma ao declínio financeiro provocado pelos acontecimentos históricos.

Graciliano Ramos, por meio dos personagens Padilha e Madalena, trabalha a questão social e humana na fazenda antes de a revolução acontecer e, com isso, constrói um universo próprio e independente, em que a classe popular possui algum tipo de voz ou manifesta consciência. Em *S. Bernardo*, Luís Padilha representa a ideologia socialista. Alguns anos após perder a fazenda, aceita o convite de Paulo Honório para trabalhar como professor. O protagonista afirma que ele é ateu, transformista e preconiza o “extermínio dos burgueses” (Ramos, 2006, p. 60). É interessante observar como a ideologia socialista é retratada na obra, ora com poderosa sintetização, ora sendo vista por meio de expressões do senso comum que a preteriam. Se comparado com *O país do carnaval* (2011), de Jorge Amado, que é de 1931, no qual também faz parte das conversas dos personagens e aparece de forma bastante difusa, vemos como o tema é construído com melhor delineamento na obra de Graciliano.

Numa conversa de Luís Padilha com Marciano e Casimiro Lopes, todos empregados da fazenda, a proposição do primeiro produz efeito que contribui para a consciência de classe:

— Um roubo. É o que tem sido demonstrado categoricamente pelos filósofos e vem nos livros. Vejam: mais de uma légua de terra, casas, mata, açude, gado, tudo de um homem. Não está certo.

Marciano, mulato esbodegado, regalou-se, entronchando-se todo e mostrando as gengivas banguelas:

— O senhor tem razão, seu Padilha. Eu não entendo, sou bruto, mas perco o sono assuntando nisso. A gente se mata por causa dos outros. É ou não é, Casimiro?

Casimiro Lopes franziu as ventas, declarou que as coisas desde o começo do mundo tinham dono (Ramos, 2006, p. 68).

Paulo Honório, que escuta a conversa, intervém e ameaça a todos com a demissão. A Marciano e Padilha, afirma que a fazenda “não é a Rússia” (Ramos, 2006, p. 69), numa clara referência à ideologia socialista que se consolidou a partir da Revolução Russa. Após 1917, uma série de acontecimentos políticos ocorreram relacionados ao território soviético, dentre os quais, o governo bolchevique e a instauração da própria União Soviética a partir de 1922. O episódio protagonizado por Padilha será lembrado posteriormente por Paulo Honório, que se refere a ele como alguém que “anda querendo botar socialismo na fazenda” (Ramos, 2006, p. 96).

Uma contraposição interessante no romance ocorre entre Padre Silvestre e Luís Padilha. Enquanto o primeiro apresenta uma visão estereotipada e negativa acerca do socialismo, marcada por uma compreensão deturpada do senso comum, o professor da fazenda, que é tido em alguns momentos como radical pelo protagonista,

discorda e faz afirmações que demonstram um conhecimento maior do assunto. Em nossa leitura de *S. Bernardo* (2006), observamos a construção da revolução como algo diferente, embora também semelhante, do que tivemos no Brasil em 1930. Além da existência de personagens como Padilha e Madalena, o assunto da revolução, ainda que de forma genérica, aparece na conversa dos personagens antes do fato histórico<sup>3</sup>. Essa antecipação é importante porque permite enxergar uma progressão no livro que culmina na revolução. Vejamos uma parte dessa conversa:

- Há de haver uma revolução!
- Era o que faltava. Escangalhava-se esta gangorra.
- Por quê? perguntou Madalena.
- Você também é revolucionária? exclamei com mau modo.
- Estou apenas perguntando por quê.
- Ora por quê? Porque o crédito se sumia, o câmbio baixava, a mercadoria estrangeira ficava pela hora da morte. Sem falar na atrapalhão política.
- Seria magnífico, interrompeu Madalena. Depois se endireitava tudo (Ramos, 2006, p. 151).

Na obra literária tudo é construído. Qualquer relação com o mundo externo deve considerar, antes de tudo, que a literatura cria um mundo à parte, sempre diferente e independente, embora também semelhante. As relações externas, como nos ensina Antonio Candido em *Literatura e sociedade* (2000), existem e importam, mas não devem se sobrepor à coerência interna da obra. A antecipação da revolução em *S. Bernardo* prevê a situação de declínio econômico que aparecerá no romance após o evento histórico. De fato, no penúltimo capítulo, Paulo Honório tentará recorrer aos bancos, mas os acordos lhe são negados. O dólar se valoriza muito e impossibilita a aquisição de novas máquinas para a fazenda. A conversa sobre a revolução e a construção de personagens como Padilha e Madalena permitem um delineamento do acontecimento histórico. É preciso observar, desde já, que há uma oposição construída pelo narrador que passa a ver Padilha e Madalena como pessoas de um universo muito diferente do seu. Essa oposição corresponde, em nossa leitura, à contraposição coronelismo *versus* socialismo. Retomando a visão de Padilha acerca dessa ideologia, vejamos como é refratário ao discurso do padre e de João Nogueira.

---

<sup>3</sup> O crítico Rui Mourão, no livro *Estruturas: ensaio sobre o romance de Graciliano*, ao abordar a cena do jantar em *S. Bernardo*, faz um rápido comentário caracterizando a cogitada revolução como socialista: “Durante o jantar, a conversa descamba para a política, com padre Silvestre e Padilha defendendo a revolução socialista, e Madalena revela-se partidária das ideias liberais” (Mourão, 2003, p. 79).

- Literatura! Resmungou Padilha.
  - Literatura não, gritou Azevedo Gondim. Se rebentar a encrenca, há de sair boa coisa, hem, Nogueira?
  - O fascismo.
  - Era o que vocês queriam. Teremos o comunismo.
- D. Glória benzeu-se e seu Ribeiro opinou:
- Deus nos livre.
  - Tem medo, seu Ribeiro? perguntou Madalena sorrindo. [...]
  - Uma nação sem Deus! bradava padre Silvestre a d. Glória. Fuzilaram os padres, não escapou um. E os soldados, bêbedos, espatifavam os santos e dançavam em cima dos altares. [...]
  - Espatifaram nada! interveio Padilha. Isso é propaganda contra-revolucionária.
  - E o senhor trabalha para isso, padre Silvestre, exclamou Gondim (Ramos, 2006, p. 151-152).

As falas de padre Silvestre revelam uma visão caricatural e negativa do comunismo. É interessante observar que já no início do texto do *Manifesto comunista* (2010) de Karl Marx e Friedrich Engels, publicado em 1848, essa significação é denunciada como uma “pecha infamante” e se afirma que a ideologia ronda a Europa como um “espectro”. A defesa de Padilha em relação ao socialismo se encontra presente, portanto, na obra, tanto nas conversas com empregados sem alfabetização quanto nas discussões mais acaloradas envolvendo personagens letrados. Na parte em que separamos um fragmento, temos Gondim e Madalena inclinados à revolução e às ideias socialistas, enquanto d. Glória e seu Ribeiro se unem ao padre e ao próprio Paulo Honório, embora esse transite entre uma posição política e uma questão pessoal caracterizada pelo ciúme.

Madalena, nesse mesmo diálogo revela nítido interesse pelo tema da revolução. O ciúme de Paulo Honório contribui, na narrativa, para aproximar ideologicamente Padilha e sua esposa. Nesse ponto, é importante observarmos a interpretação do narrador: “Conluida com o Padilha e tentando afastar os empregados sérios do bom caminho. Sim senhor, comunista! Eu construindo e ela desmanchando” (Ramos, 2006, p. 154). Cogita ainda que Madalena possa ser uma mulher sem religião, espelhando a fala de padre Silvestre. No entanto, ela permanece um enigma para o leitor em muitas questões, pois conhecemos a sua história pela perspectiva de Paulo Honório. O seu caráter humano, por outro lado, é bastante trabalhado na obra: solicita ajuda para mestre Caetano que está doente e passa privações; considera baixo o salário de

seu Ribeiro; faz doações para a velha Margarida; compra materiais didáticos para as crianças estudarem e fica horrorizada com a forma Marciano é tratado pelo marido. Há ainda outros exemplos e seu caráter humano pode ser percebido na última conversa que tem com Paulo Honório na sacristia da igreja. Madalena se identifica, assim, com a luta pela justiça social e seu comportamento ao longo da obra revela uma atuação constante em função dos mais necessitados.

Apoiada na ideologia política e no ciúme de Paulo Honório, a oposição entre os personagens, construída, claro, pelo narrador, exerce papel importante para compreendermos a revolução no romance. Como o protagonista, identificado com o coronelismo, apoia o governo e o grupo dominante que se mantém no poder, o chefe político pede seu apoio no enfrentamento da revolução. Por isso, como já mencionamos, envia homens armados para lutarem contra os revolucionários. Padilha, por sua vez, convence “uns dez ou doze caboclos” a lutarem do lado do grupo dos revolucionários. Padre Silvestre se une a eles. Vejamos a forma como o narrador anuncia a participação de Padilha na revolução:

Padilha, numa agitação constante, devorava manifestos e roía as unhas. Enfim, quando a onda vermelha inundou o Estado, desapareceu subitamente. João Nogueira elucidou o caso:

— Padilha e padre Silvestre incorporaram-se às tropas revolucionárias e conseguiram galões (Ramos, 2006, p. 154).

No texto, a expressão “onda vermelha”, além da incorporação dos personagens na luta revolucionária, um socialista e outro contrário ao sistema vigente, ajuda a caracterizar a revolução como uma luta popular. Assim, o microcosmo da fazenda se divide em dois grupos: uma parte representada por Paulo Honório atua em favor da manutenção da velha república, enquanto o outro, liderado por Padilha, parece lutar por um sistema político mais justo e age em defesa das causas socialistas. Após a revolução, Gondim e João Nogueira aparecem para conversar com Paulo Honório e reconhecem a vitória dos revolucionários. O advogado e o protagonista reconhecem a bravura do povo. Gondim, cujo jornal havia perdido o apoio financeiro, afirma que pessoas importantes do governo apareceram, de repente, utilizando “lenços vermelhos no pescoço”.

Assim sendo, podemos afirmar que a revolução presente em *S. Bernardo* (2006) é construída como uma luta popular contrária à república dos coronéis. O evento é identificado com a Revolução de 1930, e, de fato, dentre as semelhanças existentes, basta pensarmos, por exemplo, na política intervencionista instaurada no governo provisório de Getúlio Vargas que atua em desfavor do coronelismo existente no país. Por outro lado, em *S. Bernardo* (2006), quando observamos a importante presença

de Padilha, o acontecimento revolucionário recebe uma caracterização popular e uma dimensão socialista que não encontramos nos estudos dos historiadores. Ao contrário, a Revolução de 1930 é compreendida como um evento que alterou o sistema político, mas manteve a burguesia no poder.

Aspásia Camargo (1983) nos informa que durante uma época os historiadores se dividiam em relação à interpretação da Revolução de 1930. Uma parte considerava o movimento estava ligado aos interesses da classe média e outra parte compreendia-o como um evento ligado à burguesia. A historiadora afirma, então, que, entre os historiadores, a segunda vertente se fortaleceu. É preciso observar que não existe uma defesa de um movimento ligado ao proletariado ou às classes populares. Boris Fausto, no livro em que se dedicou ao tema, afirma: “O movimento de 1930 não pode ser entendido sem a intervenção das classes médias, mas não é uma revolução destas classes, nem no sentido de que elas sejam o setor dominante no curso da revolução, nem de que sejam seus principais beneficiários” (Fausto, 1997, p. 109). O historiador afirma que o proletariado teve uma “presença difusa” no movimento e não chegou a participar da revolução como classe. Ele ressalta, no entanto, manifestações da massa operária ocorridas em apoio aos revolucionários. Para Fausto, a revolução teve êxito graças ao “papel desempenhado pelos militares” (Fausto, 1997, p. 134). De acordo com Fausto, o sistema oligárquico acaba, mas as oligarquias continuam existindo no novo sistema político.

A maior centralização é facilitada pelas alterações institucionais que põem fim ao sistema oligárquico, o que não se confunde com o fim das oligarquias. Intocadas em suas fontes de poder, estas subsistem como força local, embora possa haver a troca de grupos ligados ao “antigo regime”, por outros situados na oposição. Entretanto, as oligarquias se subordinam agora ao poder central, com a perda do controle direto dos governos dos estados, onde são instalados interventores federais (Fausto, 1997, p. 142).

De forma semelhante, Aspásia Camargo afirma que, após a revolução de outubro, “velhas lideranças oligárquicas são substituídas por *novas oligarquias*” (Camargo, 1983, p. 12). A pesquisadora considera que após 1930, o Estado se fortalece, a classe camponesa é “excluída”, os operários são “enquadrados” e ocorre uma consolidação da burguesia. Boris Fausto nos informa, em *A revolução de 1930: historiografia e história* (1977), que o fim da política chamada café-com-leite, e, nesse sentido, o impedimento do governo do paulista Júlio Prestes, não significou uma ruptura com a política econômica voltada para a produção de café. Ao se referir à manutenção das elites e à sua absorção em setores do governo, Aspásia Camargo utiliza a expressão “revolução das elites” (Camargo, 1983, p. 16). Não havendo uma vertente ligada

ao proletariado, a historiadora compreende que não ocorreu um deslocamento do poder, mas uma renovação das oligarquias que passaram a se submeter a um Estado centralizador.

Em julho de 1932 ocorre a revolta dos paulistas contra o governo provisório de Getúlio Vargas. O levante, chamado de “Revolução de 1932” por Boris Fausto, não recebeu o apoio prometido pelos outros estados e, sem armamento adequado, não pôde resistir à reação das tropas do governo federal, que chegou a utilizar aviões. Após o levante, segundo Boris Fausto, Getúlio mudou o interventor do estado de São Paulo. Em 1933, ele chamou eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, o que permitiu a promulgação da nova constituição brasileira, em 1934, e, por meio do voto indireto, garantiu um novo mandato ao presidente Vargas.

Graciliano Ramos, como já abordamos, encontra-se trabalhando no romance *S. Bernardo* (2006) ao longo de 1932. Em seu romance, após a revolução, o personagem Gondim, nas conversas com Paulo Honório e Nogueira, falava em uma contrarrevolução. Seu jornal *Cruzeiro* havia perdido a subvenção que recebia do governo, deixando-o em situação difícil. Em um dos registros do narrador, no capítulo 34, o estado de São Paulo aparece ligado ao discurso de Gondim:

[Gondim] Atirava-nos palavrões encorpados que no jornal lhe serviam para tudo. São Paulo havia de se erguer, intrépido; em São Paulo ardia o fogo sagrado; de São Paulo, terra de bandeirantes, saíam novas bandeiras para a conquista da liberdade postergada (Ramos, 2006, p. 208).

O excerto é um bom exemplo de como os acontecimentos externos à obra aparecem trabalhados literariamente e adquirem nova significação na sua organização interna. Apesar de a relação entre a revolta paulista e a menção ao estado de São Paulo ser possível, como se observa, Gondim, no romance, deseja o retorno ao sistema político anterior, isto é, à política das oligarquias e ao coronelismo que financiavam o seu jornal. Na obra, como vimos, a revolução possui uma dimensão popular e sugere uma modificação social que nunca experimentamos no país. Assim, os elementos externos devem ser estudados em função da organização interna da obra, que é sempre superior.

Em *S. Bernardo* (2006), após a revolução, no início do capítulo 35, Paulo Honório afirma que começou o ano com o “pé esquerdo”. Refere-se aos negócios que não iam bem num cenário nacional em que havia muitas “falências e concordatas”. O termo *esquerdo* pode, no entanto, também fazer referência à vitória popular ocorrida no país. A imagem das laranjas apodrecendo nos pés porque não darão lucro se comercializadas reflete bem a imagem de um país descontrolado economicamente, como o próprio personagem havia previsto. O descompasso força o fazendeiro a viver um período de ócio, que o faz defrontar-se consigo mesmo.

Um dia em que, assim de braços cruzados, contemplava melancolicamente o descaroador e a serraria, João Nogueira me trouxe a notícia de que o Fidélis e os Gama iam remexer as questões dos limites. E o pior era que o dr. Magalhães estava noutra comarca.

— Belezas da revolução, comentou Nogueira. [...]

E recomecei os meus passeios mecânicos pelo interior da casa. Às vezes empurrava a porta do escritório para dar uma ordem a seu Ribeiro.

Parecia-me ver d. Glória malucando no pomar, com o romance.

E os meus passos me levavam para os quartos, como se procurassem alguém (Ramos, 2006, p. 212-213).

Feita a revolução, Paulo Honório não pode mais agir do mesmo modo em relação às cercas da fazenda. Como a notícia de que os vizinhos desejam alterar os limites das propriedades lhe chega pelo advogado, é fácil supor que os capangas não podem lhe ajudar como antes e, nesse momento, ele não possui uma relação de conveniência com o juiz. O ócio se impõe. Busca por seu Ribeiro e d. Glória que já não vivem em sua casa. Enquanto esses aparecem nomeados, Madalena aparece como um alguém que pode estar tanto nos quartos quanto em toda a casa, porque habita o seu ser. A impossibilidade de trabalhar faz com que o personagem volte a si mesmo. No último capítulo, recusa um “negócio confuso” de um sujeito de Minas Gerais para, em seguida, após ouvir um “grito” de coruja, decidir escrever um livro de memórias. O pio da coruja, como sabemos, está ligado à difícil relação que teve com sua esposa quando desconfiava de possíveis amantes e ligava o barulho da ave a um possível assóvio de combinação. É chegada a hora de enfrentar a questão social e humana, dentro e fora de si.

Ao redigir *S. Bernardo* (2006), Graciliano Ramos constrói, como mostramos, um movimento histórico que se associa à Revolução de 1930, mas é ao mesmo tempo uma outra revolução, que ganha dimensão popular e teor socialista, diversa, portanto, nesse sentido, do acontecimento histórico. Por outro lado, a narrativa se mantém centrada no âmbito da fazenda, abrangendo pouco o universo externo. Neste estudo, consideramos a fazenda um microcosmo e, por isso, a presença de um personagem como Padilha fornece uma dimensão importante para se compreender o momento histórico no romance. A revolução, na obra, pertence à organização interna do livro que a delinea de modo próprio. Assim percebida, a construção de Paulo Honório também ganha nova significação, pois embora esteja ligado ao universo do coronelismo, como mostramos, é, ao mesmo tempo, um homem que veio de baixo utilizando o sistema burguês. O protagonista funciona, dessa forma,

como uma ironia a um sistema político que existia, em boa medida, para manter as famílias abastadas no poder. Paulo Honório, por si só, funciona como uma ruptura no jogo político, embora o represente e passe a participar dele. A revolução, na forma como está edificada no romance, parece apontar para a ideia de que as modificações sociais devem ser estruturais e ocorrer para todos.

## Referências

- AMADO, Jorge. *O país do carnaval*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Edusp; Campinas: Unicamp, 2006.
- CAMARGO, Aspásia. A revolução das elites: conflitos regionais e centralização política. *In: A Revolução de 30: Seminário Internacional*. Brasília: UNB, 1983. p. 7-46.
- CANDIDO, Antonio. Ficção e confissão. *In: RAMOS, Graciliano. São Bernardo*. 11. ed. São Paulo: Martins, 1969. p. 9-58.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CANDIDO, Antonio et al. *A personagem de ficção*. 12. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- CARPEAUX, Otto M. Os sessenta anos de Graciliano Ramos. *Correio da Manhã*, 26 de outubro de 1952.
- FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: historiografia e história*. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12. ed. São Paulo: Edusp, 2004.
- JUAREZ FILHO, Edmundo. *História e alegoria em São Bernardo de Graciliano Ramos*. 2006. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- LAFETÁ, João Luiz. *A dimensão da noite e outros ensaios*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2004.
- LEBENSZTAYN, Ieda. Graciliano Ramos, por Otto Maria Carpeaux: 120 anos, homenagem em dobro. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 26, n. 76, p. 237-242, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47554>. Acesso em 16 maio 2023.
- MACHADO, Aníbal. *João Ternura*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto comunista*. Organização de Osvaldo Coggiola. Tradução de Álvaro Pina e Ivana Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MORAES, Dênis. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. São Paulo: Boitempo, 2012.

- MOURÃO, Rui. *Estruturas*: ensaio sobre o romance de Graciliano. 3. ed. Curitiba: UFPR, 2003.
- RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- RAMOS, Graciliano. *Cartas*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- RAMOS, Graciliano. *Garranchos*: textos inéditos de Graciliano Ramos. Organização de Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- RAMOS, Graciliano. *Pequena história da república*. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. 83. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 120. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- VERISSIMO, Erico. *Olhai os lírios do campo*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.